

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Capa

O PARADIGMA

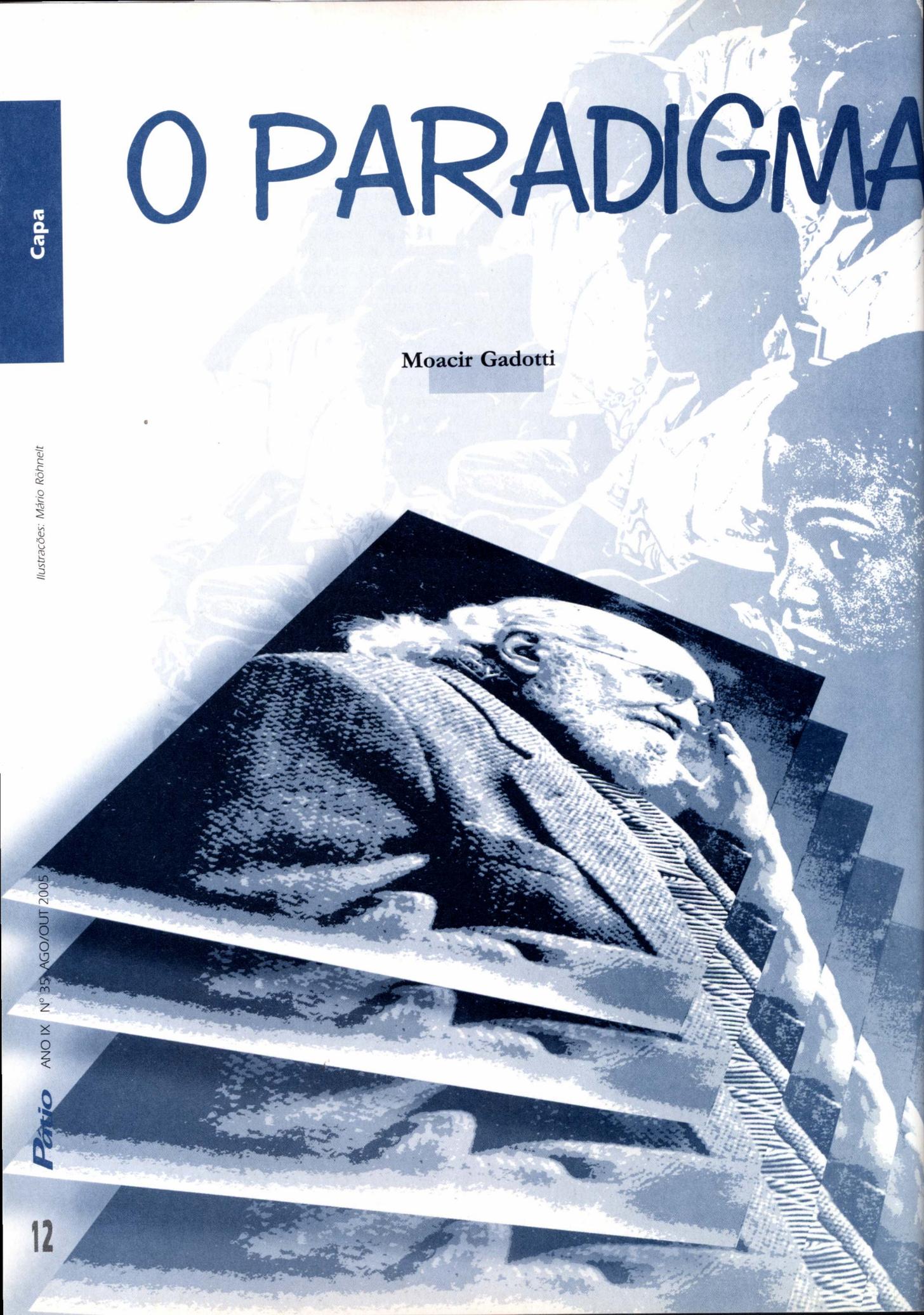
Moacir Gadotti

Ilustrações: Mário Röhneft

ANO IX Nº 35 AGO/OUT 2005

Pátio

12



DO OPRIMIDO

A pedagogia de Paulo Freire continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque responde a necessidades fundamentais da educação atual

A educação, espaço da paidéia e da utopia, é um campo fértil de paradigmas. A história das idéias pedagógicas revela uma grande riqueza de orientações, teorias e práticas educacionais. Seria errôneo dizer que existe apenas uma educação. Existem muitas educções, que seguem orientações, teorias e paradigmas distintos.

Alguns poderiam dizer que isso enfraquece o campo educacional, que o torna mais frágil, porque mais diverso. Essa, porém, não é uma fraqueza da educação, mas a demonstração de sua vitalidade. O que pode enfraquecê-la é a existência de um paradigma imposto ou exclusivo, com validade universal sobre qualquer outro. Esta é a tentação autoritária dos paradigmas: estabelecer parâmetros como modelos universais. Encontramos muitos "ismos" em educação que procuram delimitar-se através de "tendências" estreitamente definidas por fronteiras rígidas. Mais do que afirmar tendências – em oposição de umas contra as outras –, deveríamos buscar a construção de perspectivas educacionais mais amplas, dialógicas e conectadas.

Outros poderiam dizer que a discussão paradigmática na educação é uma questão ultrapassada, já que vivemos hoje não só a crise de paradigmas, mas também a crise da própria noção de paradigmas. Estou de acordo com essa visão se por paradigma se entender uma visão fechada em si mesma, estruturante de toda a realidade universal. Mais do que uma crise da idéia de paradigma, existe uma crise das teorias universalizantes, válidas para qualquer contexto em qualquer tempo. Mais do que adotar uma teoria universalmente válida, precisamos deixar espaço para a pluralidade paradigmática. Mais do que nos fecharmos em um único modelo de ciências, precisamos promover o diálogo entre distintos saberes e criar zonas de contato entre teorias e práticas distintas. É claro que sempre existirão ideologias subjacentes a toda prática, explí-

tas ou não. Isso também não pode ser negado. E, como a educação é cultura, o diálogo "intertranscultural" (Padilha, 2004) é parte integrante dela. Em lugar de aspirar a um universalismo essencialista, devemos assegurar-nos de que haja sempre espaço para a diferença e também para a semelhança devidamente contextualizada. Por isso, falamos hoje em redes de conhecimento, em comunidades de aprendizagem, as quais respeitam a diversidade.

Dito isso, gostaria de tecer algumas considerações sobre a teoria da educação emancipatória de base freireana, que poderíamos chamar de "paradigma do oprimido". Não se trata de um paradigma fechado; trata-se de uma teoria e de um método abertos, inclusivos, que estão em evolução. Não é um paradigma inventado por alguém, mas enraizado no movimento histórico-social da educação popular, também ela uma concepção geral da educação e um paradigma.

Paulo Freire é personagem central desse paradigma, guiado por um sonho, por uma utopia, por uma crença em "outro mundo possível", porque "o mundo não é, o mundo está sendo" (Freire, 1997, p. 86). Ele defendia uma compreensão da educação cheia de perguntas, mas também cheia de esperança. Esse paradigma orientou sua práxis político-pedagógica e continua sendo o referencial de muitos educadores espalhados pelo mundo.

Paulo Freire costumava falar em uma racionalidade encharcada de emoção, contrapondo o seu paradigma dialético ao paradigma estrutural, contrapondo uma razão contextualizada e referenciada na historicidade à razão cartesiana, positivista e instrumental. Na razão dialética, a categoria de totalidade é recuperada, o sentido das coisas não é apreendido apenas pela análise racional, mas pela totalidade do aparato epistemológico humano: razão-afetividade-sensibilidade. E é nesse sentido que sua teoria coloca, com mais profundidade e consequência, a dimensão da transdisciplinaridade.



**As pessoas
são competentes
porque têm um projeto
de vida e sabem
enfrentar seus
problemas
cotidianos junto
com os outros**

O que mais o preocupava nos últimos anos de sua vida era o avanço perverso da globalização capitalista neoliberal. Por que Paulo Freire atacava tanto o pensamento e a prática neoliberais? Porque o neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do seu pensamento, que é a utopia. Enquanto o pensamento freireano é utópico, o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire, o futuro é possibilidade. Para o neoliberalismo, o futuro é pura fatalidade. O neoliberalismo apresenta-se como única resposta à realidade atual, desqualificando qualquer outra proposta. Desqualifica principalmente o estado, os sindicatos e os partidos políticos. Paulo Freire denunciava a política fazendo política. Ele atacava a ética do mercado, sustentada pelo neoliberalismo, porque ela se baseia na lógica do controle e afirmava, contrapondo-se àquela, uma "ética universal do ser humano" (Freire, 1997, p. 16). O neoliberalismo tenta convencer-nos de que a globalização capitalista é uma realidade definitiva, e não uma categoria histórica. Precisamos de uma outra globalização, ou de uma alterglobalização, como sustenta o Fórum Social Mundial.

A concepção de mundo e a teoria sócio-político-educativa de Paulo Freire ajudam-nos não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas também a construir a resposta necessária ao neoli-



beralismo. Ele defende uma nova modernidade fundada na racionalidade dialógica, essencialmente comunicativa. Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social. A educação é muito mais do que a instrução. Para ser transformadora – transformar as condições de opressão –, ela deve enraizar-se na cultura dos povos. A modernidade capitalista caracteriza-se pela espetacularização de tudo, pelo simulacro e pelo consumo imediato. Ora, a educação é um processo a longo prazo e precisa combater o imediatismo, o consumismo, se quiser contribuir para a construção de uma pós-modernidade progressista, uma nova modernidade. A educação, para ser libertadora, precisa construir entre educadores e educandos uma verdadeira consciência histórica. E isso demanda tempo.

Paulo Freire colocou o oprimido no palco da história – como ator, autor e sujeito de sua história – pelo seu engajamento político e pela sua teoria como contranarrativa ao discurso dos poderosos e privilegiados. Ele valorizava, além do saber científico elaborado, o saber primeiro, o saber cotidiano. Ele sustentava que o aluno não registra em separado as significações instrutivas das significações educativas e cotidianas. Ao incorporar conhecimento, o aluno incorpora outras significações e linguagens, por exemplo: como conhecer, como produzir e como utilizar o conhecimento na sociedade. Enfim, o saber cotidiano do seu grupo social.

Outra noção que Paulo Freire desenvolveu, e que a distingue de toda conotação neoliberal, é a noção de qualidade como um conceito ético-político. Quando estava à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991), falava-nos de uma nova qualidade, uma qualidade social e política da educação. Qualidade é empenho ético, alegria de aprender. Para o pensamento neoliberal, a qualidade confunde-se com a competitividade. Os neoliberais negam a necessidade da solidariedade. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque têm um projeto de vida e porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos junto com os outros, e não individualmente.

O reconhecimento de Paulo Freire fora do campo da pedagogia demonstra que o seu pensamento é também transdisciplinar e transversal. A pedagogia é essencialmente uma ciência transversal. Desde seus primeiros escritos, ele considerou a escola muito mais do que as quatro paredes da sala de aula. Criou o Círculo de Cul-



tura como expressão dessa nova pedagogia que não se reduzia à noção simplista de aula. Na atual sociedade do conhecimento, isso é muito mais verdadeiro, já que o espaço escolar é muito maior do que a escola. Os novos espaços de formação (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, teatros, empresas, ONGs, espaço familiar, internet, etc.) alargaram a noção de escola e de sala de aula. A educação tornou-se comunitária, virtual, multicultural e ecológica, e a escola estendeu-se para a cidade e o planeta. Hoje se pensa em rede, pesquisa-se em rede, trabalha-se em rede, sem hierarquias.

A noção de hierarquia (saber-ignorância) é muito cara à escola capitalista. Ao contrário, Paulo Freire insistia na conectividade, na gestão coletiva do conhecimento social a ser socializado de forma ascendente. Não se trata mais de ver apenas a cidade como educadora, mas de enxergar o planeta como uma escola permanente.

O livro *Pedagogia do oprimido* foi escrito no Chile em 1968. A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Se não fosse válido, já não haveria mais por que continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, porém não teria mais nada a dizer ao nosso tempo.

Pelo contrário, a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação atual. A escola e os sistemas educacionais encontram-se frente a novos e grandes desafios. As cidades estão tornando-se educadoras e aprendentes, multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação do conhecimento, não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um "círculo de cultura", como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra, ele insistiu nas metodologias hoje tão necessárias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo como caminho e como pedagogia. E mais: em um tempo no qual tudo se mercantiliza, inclusive a educação, precisamos de um pensamento pedagógico que defenda intransigentemente o direito à educação, o direito à aprendizagem. Isso tudo pode ser encontrado em Paulo Freire.



Não se trata
mais de ver apenas
a cidade como
educadora, mas de
enxergar o planeta
como uma escola
permanente

Referências Bibliográficas

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Cortez, 1997.
PADILHA, P.R. *Curriculo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: IPF/Cortez, 2004.

**Moacir Gadotti é professor da USP
e diretor do Instituto Paulo Freire.
E-mail: gadotti@paulofreire.org**



Para Saber Mais

- BURBULES, N.C.; TORRES, C.A. e cols. *Globalização e educação: perspectivas críticas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
FERNÁNDEZ ENGUIITA, M. *Educar em tempos incertos*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
GADOTTI, M. e cols. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.